

O narrador dialógico na reconfiguração do Jornalismo pós-guinada subjetiva

El narrador dialógico en la reconfiguración del Periodismo tras el giro subjetivo

The dialogic narrator in the reconfiguration of Journalism after the subjective turn



Marco Aurelio Reis¹

Cláudia Thomé²

Resumo: O jornalismo tem passado por transformações em um cenário de demissões e de maior participação do público. Somam-se a isso, ataques à imprensa. Como reação, veículos e profissionais inovaram, inclusive em ações nas redes sociais digitais. Em paralelo, uma nova narrativa pode ser percebida. Evidenciando-se como subjetiva e dialógica, essa narrativa pode ser vista como produto editorial e mecanismo de atração e fidelização de público, mas também como humanizadora da atividade. É essa configuração que o presente estudo de caso (YIN, 2001) analisa, tendo como janelas produtos editoriais de veículos do eixo Rio-São Paulo-Minas Gerais-Rio Grande do Sul, estados-sede dos maiores grupos de comunicação do país, e regionais do eixo Rio-São Paulo-Minas Gerais-Rio Grande do Sul, nos últimos 10 anos. Após o levantamento questiona-se como seu deu tal reconfiguração, tendo como resultados considerações em torno da observação sobre um novo enquadramento da narrativa subjetiva, ora naturalizada, ora editorializada e ora engajadora de audiências, identificando-se um narrador jornalístico dialógico.

Palavras-chave: Jornalismo Contemporâneo. Narrador Dialógico. Pós-Guinada Subjetiva.

¹ Doutor pelo programa interdisciplinar em Ciência da Literatura da UFRJ. Jornalista, professor efetivo de educação básica na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF.

² Doutora pelo programa interdisciplinar em Ciência da Literatura da UFRJ. Jornalista, com pós-doutorado em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM/UFJF, professora associada da Facom/UFJF, professora permanente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF,

Resumen: El periodismo ha sufrido transformaciones en un escenario de despidos y mayor participación ciudadana. A eso se suman los ataques a la prensa. Como reacción, vehículos y profesionales innovaron, incluso en acciones en las redes sociales digitales. Paralelamente, se puede percibir una nueva narrativa. Evidenciada como subjetiva y dialógica, esta narrativa puede ser vista como un producto editorial y un mecanismo de atracción y retención del público, pero también como humanizador de la actividad. Es esta configuración la que analiza el presente estudio de caso (YIN, 2001), teniendo como ventanas productos editoriales de vehículos en el eje Rio-São Paulo-Minas Gerais-Rio Grande do Sul, estados anfitriones de los mayores grupos de comunicación del país, y regiones del eje Rio-São Paulo-Minas Gerais-Rio Grande do Sul, en los últimos 10 años. Después de la encuesta, se cuestiona cómo dio tal reconfiguración, teniendo como resultados consideraciones en torno a la observación de un nuevo encuadre de la narrativa subjetiva, a veces naturalizada, a veces editorializada y a veces cautivando a las audiencias, identificando un narrador periodístico dialógico.

Palabras clave: Periodismo contemporáneo. Narrador dialógico. Post-Turno Subjetivo.

Abstract: Journalism has undergone transformations in a scenario of layoffs and greater citizen participation. Added to this are the attacks on the press. As a reaction, vehicles and professionals innovated, even in actions on digital social networks. At the same time, a new narrative can be perceived. Evidenced as subjective and dialogical, this narrative can be seen as an editorial product and a mechanism for attracting and retaining the public, but also as a humanizer of the activity. It is this configuration that is analyzed in this case study (YIN, 2001), having as windows editorial products of vehicles on the Rio-São Paulo-Minas Gerais-Rio Grande do Sul axis, host states of the largest communication groups in the country, and regions of the Rio-São Paulo-Minas Gerais-Rio Grande do Sul axis, in the last 10 years. After the survey, it is questioned how such a reconfiguration occurred, resulting in considerations around the observation of a new framework of the subjective narrative, sometimes naturalized, sometimes editorialized and sometimes captivating the audience, identifying a dialogical journalistic narrator.

Key-words: Contemporary Journalism. Dialogical Narrator. Post-Subjective Turn.

Introdução

O jornalismo brasileiro enfrenta uma crise sem precedentes desde o início deste século. E em situações anteriores, como no caso das ditaduras de Getúlio Vargas e civil-militar, vem buscando saídas narrativas e novos modelos de negócio de modo a manter seu papel de poder organizador e moderador de uma sociedade que se quer democrática e de livre pensamento. Momento de mudança súbita, a atual crise que se quer superar tem aspectos tecnológicos, empresariais, profissionais e comunicativos.

O avanço das redes sociais digitais após a virada do milênio levou a uma migração gradativa de verbas publicitárias para estas redes. Ao longo das últimas duas décadas, tais redes fizeram emergir um consumidor do jornalismo que também produz conteúdo

informativa, comenta outros conteúdos e abre debate propagando-o. Além dessa ação, tal consumidor compartilha conteúdos midiáticos, em parte das vezes critica tais conteúdos, atrai financiamento privado e público para seus canais digitais, influencia imensos grupos sociais, reúne fãs e, mesmo de forma difusa e não organizada, se configura um quinto poder nos termos que vêm sendo defendidos por Ramonet (MORAES, RAMONET, SERRANO, 2013, p. 98) nos últimos anos.

A mesma crise alterou de forma significativa as rotinas produtivas das redações com a introdução de novas tecnologias e equipamentos e de formas narrativas hipermidiáticas. Novas funções e competências foram exigidas dos profissionais para se adaptar a um cenário de, por exemplo, links telejornalísticos em mochilas, fruição jornalística em streaming e webrádios. Ao mesmo tempo, postos de trabalho foram reduzidos no setor após demissões, algumas em massa, em um processo que vem sendo, inclusive, objeto de estudo por pesquisadores de outras áreas de saber (PITHAN, VACLAVIK, OLTRAMARI, 2020).

Forças políticas em um cenário de ataque (REIS, THOMÉ, 2020, p 10-12) e desinformação (BUCCI, 2022) agravaram tal crise. Ações e condenações na Justiça e ataques de políticos e seus partidários, até mesmo físicos, ficaram rotineiros, sobretudo nos últimos cinco anos, agravado pela guinada conservadora no país², em que a imprensa vem tendo seu papel e sua credibilidade questionados. Este cenário chega a intervir na rotina profissional com fontes, sobretudo oficiais, recusando-se a dar entrevistas e dificultando o trabalho de apuração, elemento central da atividade.

A reação à crise se deu de diferentes formas, ora engendrando novos modelos de negócio com a digitalização de conteúdos pagos, já identificados como produtos *premium* (REZENDE, REIS, 2021), e também oferta de produtos que inicialmente são gratuitos para posterior cobrança (*freemium*)³, ora empreendendo ações nas rotinas produtivas,

² Mais recente relatório da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) dá conta que em “2021, o número de agressões a jornalistas e a veículos de comunicação(...) chegou a bater novo recorde, desde o começo da série histórica (...) iniciada na década de 1990. Foram 430 casos, dois a mais que os 428 registrados em 2020.” in encurtador.com.br/ghkoN, acesso em 3 de out. 2022.

³ Entre os *premium* podem ser elencados o “NYT Cooking App”, do jornal The New York Times, que a preço baixo (US\$0,50 mensais) disponibiliza para assinantes do jornal receitas desenvolvidas por chefs de cozinha, e os produtos classificados como Jornalismo de Soluções, do grupo brasileiro RBS, com fruição na web apenas mediante assinatura. Há ainda ações como a do Grupo Estado de S. Paulo que, pelo aplicativo WhatsApp, distribui gratuitamente manchetes de seu site pela manhã, tarde e noite com links que levam ao site. Após uma fruição gratuita por meio dos links, o acesso fica restrito a assinantes, o que configura o *freemium*.

tais como a consolidação, por meio de consórcio de imprensa, dos casos de contágio e de mortes durante a pandemia.

Outra investida para combater os ataques se deu por meio de um processo de certificação (REIS, 2015; THOMÉ, PICCININ, REIS, 2020), união de prestígio e credibilidade propagado por meio de ações de checagem de fatos no cenário de desinformação (com produtos como o “Fato ou Fake” do *Infoglobo* e as agências Lupa e Pública) e por ações de aproximação com a audiência, em que jornalistas são apresentados como pessoas que também sofrem com as notícias. Tal ação de aproximação, para gerar empatia, pode ser exemplificada na campanha “Fatos e Pessoas”, da Rede Globo, com VTs que trazem áudios trocados por repórteres e seus familiares durante o cotidiano e a apuração das notícias na Pandemia⁴ e atos como o minuto de silêncio pela liberdade de imprensa feito no *Jornal Nacional*⁵, também da Rede Globo, em 7 de junho de 2022.

A crise abriu ainda novas frentes de ação em relação à linguagem e a novos formatos informativos, notadamente aqueles relacionados à subjetivação das narrativas em substituição, em parte, da propalada e pretensa objetividade do texto jornalístico. É sobre essa frente que o presente artigo busca refletir a partir da metodologia Estudo de Caso (YIN, 2001), que prevê a abertura de janelas de observação temporal (últimos 10 anos), inicialmente de forma quantitativa, com posterior análise qualitativa. Tal análise tem por base estudos referenciais sobre as reconfigurações no jornalismo (BECKER, 2021; BUCCI, 2022; COUTINHO, 2022), considerando as marcas da contemporaneidade como “o espaço público esvaziado, a exacerbação do individualismo, as comunidades e a intensificação do presente” (AGUIAR, BARSOTTI, 2016).

Este estudo consolida resultados de pesquisas desenvolvidas no âmbito do grupo Narrativas Midiáticas e Dialogias, em que foram analisados os telejornais em rede líderes de audiência no Brasil (*Jornal Nacional* e *Jornal da Record*), e telejornais regionais líderes em suas praças (*RJ1* e *RJ2*, no Rio, *SP1* e *SP2*, em São Paulo, *MG1* e *MG2* e *Integração Notícias*, em Minas Gerais), além de jornais impressos e seus ambientes na web e redes sociais dos maiores grupos de comunicação do país (*InfoGlobo*, *Ejessa/O Dia*, grupos *Estado* e *Folha de S. Paulo* e *Rede Brasil Sul*). A partir desses dados coletados, quantitativamente, foram elencadas estratégias narrativas presentes em tais produtos midiáticos, com foco agora em evidentes sinais de subjetividade permitida ou editorial

⁴ In encurtador.com.br/cejxFe, acesso em 02 out. 2022.

⁵ In encurtador.com.br/hGSX6, acesso em 02 out. 2022.

(THOMÉ, 2021)⁶, notadamente os veiculados nos últimos cinco anos, para análise qualitativa apresentada em parte no presente trabalho.

Tal análise identificou uma nova configuração do jornalismo como um todo em resposta a questões que vão além da crise e indicam uma reverberação da “sociedade gasosa” (SCOLARI, 2021) nas práticas jornalísticas e proliferação de pautas agendadas como temas centrais da chamada Sociedade 5.0 (DEGUCHI, KAMIMURA, 2020), sobretudo às relacionadas à sustentabilidade, longevidade humana, inclusão social, simbiose entre o ciberespaço e o espaço físico e chagas da humanidade relacionadas ao racismo, xenofobia, sexismo e intolerância religiosa, de gênero e ideológica.

Entende-se aqui a configuração em andamento de um narrador dialógico operando uma narração pós-guinada subjetiva do fato. Tal conclusão deriva de pesquisa e reflexões em torno de uma ideia de jornalismo contemporâneo que, mesmo difusa e em configuração, aqui pretende-se debater.

Para uma ideia de Jornalismo Contemporâneo

Como qualquer ato contemporâneo (AGAMBEN, 2009, p. 62), o Jornalismo do presente momento não estaria evidente, mas, sim imerso em uma névoa rodeada de luzes que nada esclarecem e que, por sua vez, embaçam a visão clara do feixe de luz que timidamente emana desta escuridão. Mas para traçar pistas do que venha a ser e possa ser considerado como Jornalismo Contemporâneo, em filiação a estudos anteriores (SILVA, KÜNSCH, BERGER, ALBUQUERQUE, 2011), há de se definir, como primeiro passo, o que vai se considerar como ideia neste trabalho, que fixa o olhar para o presente momento marcado pela pós-pandemia do COVID-19 e por uma reconfiguração societária que já mobiliza ensaios acadêmicos em diferentes áreas.

Ideia é, comumente, associada ao conhecimento puro (racional) natural do entendimento humano. É associada ainda à fantasia necessária para uma brincadeira de criança e para a elaboração de uma obra humana complexa, como, por exemplo, um poema e uma escultura. Palavra derivada do termo grego *eidos* (imagem), desde os tempos clássicos ideia está associada ao conceito de representação do real por seu sentido lógico (tem significado), ontológico (é comprovável no e pelo ser), transcendental (é uma possibilidade) e psicológico (é uma representação subjetiva).

⁶ O estudo traz também resultados de pesquisa desenvolvida em pós-doutorado no PPGCOM/UFRJ sobre a estratégia de subjetivação no telejornalismo, sob a supervisão da prof^a Dr^a Beatriz Becker.

No que diz respeito ao Jornalismo, como conceito epistemológico, sua ideia está relacionada, por exemplo, à disseminação de informação por meios de comunicação off line e online, dos jornais e revistas impressos aos sites e portais, passando por emissoras de rádio e de televisão. Dentro dessa ideia habitual, outras emergem de sua linguagem, por exemplo, como narração de um fato ou de sua “materialização” linguística como representação de acontecimentos (SODRÉ, 2009, p. 90).

A própria ideia de acontecimento como garantia de noticiabilidade para fatos sociais inseridos na pauta jornalística ajuda a configurar o que se pode pensar de ideia de jornalismo. Inserida no debate entre as noções de continuidade e descontinuidade temporal e responsável por relevantes estudos no meio acadêmico, a ideia de acontecimento é um conceito que oriunda do pensamento datado dos primeiros anos do século XX, na obra de Gaston Bachelard e sua associação do próprio tempo à existência dos acontecimentos (BACHELARD, 2007, p. 42).

Ou seja, há quase um século, uma ideia de jornalismo como narração midiática de acontecimentos é associada ao tempo, notadamente o tempo presente, o tempo contemporâneo. Pensar, portanto, numa ideia de jornalismo contemporâneo é perceber nas narrativas jornalísticas certa sensibilidade ao que diz respeito ao contemporâneo, algo que cria relação entre o meio de comunicação, seu público e o tempo presente.

Essa relação sensível da mídia com o público (SODRÉ, 2006, p. 185-186) e o tempo é o caminho que a presente reflexão percorre, por meio da ideia de linguagem, para encontrar um fecho de luz que emana da escuridão do que é próprio do contemporâneo, por exemplo, em produtos midiáticos subjetivos, que valorizam o silêncio, a interrupção da palavra (AGAMBEN, 199, p. 112), como belo e sensível, no que no presente estudo se denomina pós-guinada subjetiva.

Figura 1: No Jornal Nacional após o acidente com o time de futebol da Chapecoense em 2016; 1min e 19s de aplausos, sem palavras, encerrando com silêncio de 2s



Fonte: Reprodução tela da TV Globo, 29 de nov. de 2016, no encerramento do JN

Figura 2: Silêncio Impresso: A manchete “Não Vai Ter Capa”, de 9 de julho de 2014 do jornal carioca Meia Hora, escolhida na categoria Prêmio Esso Especial de Primeira Página



Fonte: encurtador.com.br/hxBFM, acesso em 18 set 2022.

Nos dois exemplos acima, nota-se uma sensibilidade reconhecível em produtos midiáticos brasileiros contemporâneos, tanto na televisão quanto no jornalismo impresso. Algo visto como inovador no caso do Jornal *Meia Hora*, premiado na penúltima edição do Prêmio Esso de Jornalismo por sua criatividade na primeira página. Também algo visto como emocional no caso da homenagem feita pelo *Jornal Nacional* da Rede Globo aos jogadores e jornalistas mortos no acidente aéreo com o time de futebol Chapecoense em 2016. Na reprodução do conteúdo do JN no Youtube⁷, mensagens como a de um

⁷ In <https://youtu.be/o3WqHWgzOoo>, acesso em 19 set 2022

internauta (postada em 2018) que fala em “homenagem inesquecível do Jornal Nacional”, parabenizando o telejornal. Em outras interações, por meio da mesma plataforma de compartilhamento de vídeos, há relatos segundo os quais os aplausos televisionados ao vivo foram reproduzidos por telespectadores nas residências durante a exibição da TV. Estão aqui duas pistas que indicam um direcionamento do jornalismo rumo a uma sensibilidade e a uma construção narrativa diferentes do clássico relato direto e objetivo de fatos.

Pode ser observada ainda a migração de elementos típicos da linguagem de poemas para as telas, no que podemos considerar como um Telejornalismo Literário, mais evidente por trazer elementos da “videoteratura” (REIS, THOMÉ, 2018) para o jornalismo audiovisual cotidiano. Elementos como cesura⁸, a pausa em meio a um verso (AGAMBEN, 1999, p. 34), já podem ser identificados em material presente nas telas, como a que foi feita em meio a uma tônica memorialística sobre a Constituição Brasileira de 1988, exibida em 2022 no formato de série pelo *Jornal Nacional* sob título “Brasil em Constituição”.

No episódio de estreia da série sobre a Constituição, em 29 de agosto de 2022, uma imagem de arquivo da promulgação da Constituição é cortada por off coberto com imagens de roseira no qual a voz da ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal, identificada apenas ao término das imagens do jardim de rosas, age como cesura irrompendo a narrativa anterior.

Figura 3: Carmem Lúcia compara os cuidados da mãe com a roseira do seu jardim no norte de Minas aos cuidados que o país deve ter com os princípios constitucionais

⁸ CESURA. Pausa no interior de um verso. Na métrica tradicional, esta pausa era obrigatória, sendo ditada pelo ritmo imposto ao verso. Não deve ser confundida com pausa de leitura, que é variável de leitor para leitor. .In <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/cesura>, acesso em 19 set 2022.



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/10949863/?s=0s>, acessado em 22 set 2022

Se na tradição literária de onde deriva a cesura, a imagem do galope de um cavalo representa o ato poético, um movimento transmutado para o pedalar de uma bicicleta nos primeiros anos do Século XX (AGAMBEN, 1999, p. 35), pode-se dizer que hoje esse narrador jornalístico segue em um VLT (composição ferroviária elétrica) ou em um táxi da Baidu sem motorista⁹. Tal narrador midiático não conduz sozinho a narrativa, mas, sim, o faz com a companhia de outros, sobretudo, telespectadores que interagem com a emissora nas redes sociais, no WhatsApp ou outros canais digitais e têm suas produções exibidas ora como fonte de informação e ora como “comentarista”.

Nos casos acima, a cesura evidencia-se como estratégia narrativa midiática, derivada da literatura, exatamente como as figuras de linguagem, sobretudo em reportagens especiais seriadas, que investem em estratégias sensíveis. Entre as figuras detectadas está a zeugma¹⁰, presente no especial do jornalista Marcelo Canellas e do repórter cinematográfico Lúcio Alves, a série premiada “Fome no Brasil”, exibida em 2001 no *Jornal Nacional* e tema recorrente de entrevistas de Canellas, como no programa “Conversa com o Bial”, de junho de 2018. A entrevista ao jornalista Pedro Bial tratando dos bastidores da produção do especial sobre a fome traz uma narrativa cada vez mais recorrente no jornalismo atual, seguindo as características do que se denomina

⁹ In encurtador.com.br/hCK45, acesso em 19 set 2022.

¹⁰ Forma de *elipse* que consiste na supressão, em orações subsequentes, de um termo expresso na primeira (p.ex.: *cada criança escolheu um brinquedo; o menino, um boneco, a menina, uma bola*). Na reportagem de Canellas e Alves, a imagem de uma mulher que morreria de fome 15 dias após ser entrevistada e pouco antes de a reportagem ir ao ar. Tal mulher havia ficado em silêncio quando perguntada pelo repórter sobre o que tinha para comer naquele dia. O “nada” que viria como resposta e não veio foi a figura de linguagem necessária para imprimir um aspecto literário subjetivo na reportagem especial de Canella e Alves. (in <https://globoplay.globo.com/v/6837056/>, acesso em 19 set 2022)

telejornalismo midiaticizado (PICCININ, SOSTER, 2012). Tal tendência segue também o que Figueiredo (2010) analisa no cinema e na literatura.

As instâncias intermediárias do processo construtivo dão origem a produtos que se equiparam à obra final, porque esta servirá de base a uma outra obra, e assim sucessivamente, num constante movimento de remissão, que reafirma a vocação para o comentário, para a metalinguagem, que caracteriza a contemporaneidade. (FIGUEIREDO, 2010, p. 46-47)

Tais instâncias intermediárias incluem, no caso do jornalismo, a presença de profissionais nas redes sociais digitais criando vínculos com a audiência (MUSSE, THOMÉ, 2016; COUTINHO, 2022, p. 8), em tom de conversa, em uma amizade virtual, com curtidas e compartilhamentos. Essas ações têm tornado-se algo que acrescenta elementos à chamada intimidade mediada (FECHINE, 2006, p.56; MIRANDA, THOMÉ, 2018, p; 158; MIRANDA, THOMÉ, REIS, 2019, p. 10). No presente momento, nota-se a intimidade dos profissionais e os bastidores da apuração de notícias como uma prática que torna a intimidade um produto midiático comercializável em *streaming*, ou seja, a intimidade como produto editorial.

Falar da ideia de Jornalismo Contemporâneo é pensar ainda no que o contraria, ou seja, nas práticas que vão de encontro aos princípios da atividade, maculando seus propósitos. É o caso das ações de desinformação, infelizmente muito comuns na atualidade. Sombras sobre o jornalismo, tais ações deformam a informação, enganam imenso número de pessoas e atendem, na maioria vezes, a interesses mal intencionados.

Em palestra proferida em 7 de setembro de 2022¹¹, o professor Eugênio Bucci, em reflexão sobre a etimologia do termo desinformação, afirma que a atividade de comunicação está no centro do capitalismo, como valor, e que mais que desmentir, o esforço acadêmico contemporâneo está em explicar a desinformação (BUCCI, 2022). Ele recorre a conceitos gregos, entre eles o de ideia, para defender que desinformação está relacionada a uma deformação da notícia podendo-se inferir em torno de tal conceito de notícia deformada, de narração do fato inexistente ou diferente do que efetivamente aconteceu, da narração dos acontecimentos inventados de maneira intencional, sendo todas as formas com um determinado propósito.

¹¹ In <https://youtu.be/riIIS5AGih8>, acesso em 03 out. 2022.

Tal processo de desinformação busca uma naturalização do que se pressupõe como antigo. Como na novela kafkiana Colônia Penal (KAFKA, 1986), na qual uma punição antiga, bárbara e ultrapassada (a execução por uma máquina que “escreve” nas costas do condenado sua sentença) é defendida por um oficial que, vencido, imola-se na mesma máquina em sua derradeira atuação. Símbolo para o caráter terrível da Linguagem (AGAMBEN, 1999, p. 113), a novela evidencia uma deformação da esfera pública haberniana (GOMES, 2008) a partir do oposto perfeito da informação que leva a sociedade para uma autofagia antidemocrática no campo político. O direcionamento às massas por meio de redes sociais digitais supostamente sem mediação, como o feito contemporaneamente por políticos de direita no Brasil, em pronunciamentos negacionistas, conservadores e direcionais, marca a desinformação como luz que ofusca o irrepresável “ímpeto democrático” (SCHUDSON, 2008) que move o jornalismo, entendido aqui como forma de conhecimento (MEDITSCH, 2004)¹².

Cabe destacar ainda que o conceito contemporâneo traz consigo termos relevantes, como extemporâneo (fora do prazo apropriado) e intempestivo (inoportuno). Roland Barthes, a partir dessa aproximação, diria que o contemporâneo é intempestivo (apud AGAMBEN, 2009, p. 58), ou seja, é um imprevisto, é algo entre “ainda não” e “não mais”, algo escuro. Por este motivo, cabe refletir se a subjetividade identificável no jornalismo contemporâneo é marca típica do discurso jornalístico, mesmo quando se propunha aparentar objetividade, ou pode ser entendida como algo entre a chamada nova guinada subjetiva e uma possível pós-nova guinada subjetiva por apresentar claras características editoriais e de engajamento de público, algo em formatação na presente sociedade, já identificada como Sociedade Gasosa (SCOLARI, 2021) e Sociedade 5.0 (DEGUCHI, KAMIMURA, 2020).

De acordo com Scolari, a sociedade contemporânea pode ser representada por meio de uma metáfora gasosa “em que milhões de moléculas enlouquecidas colidem e ricocheteiam umas nas outras” (SCOLARI, 2021). Trata-se de algo representado pela “Cultura Snack”, a tendência sul-coreana de consumir conteúdos midiáticos em breves períodos de no máximo 15 minutos por meio de smartphones nas mãos de pessoas cada vez mais ocupadas e em mobilidade.

¹²“(…) A questão do conhecimento que o jornalismo produz e reproduz e de seus efeitos pode ser demasiado estratégica para a vida de uma sociedade para ser controlada exclusivamente pelos jornalistas como grupo profissional ou pelas organizações onde trabalham.” (MEDITSCH, 2004, p.12)

Já Deguchi e Kamimura (2020) falam de uma configuração societária em andamento em torno de quatro temas focais: sustentabilidade, qualidade da vida humana (sobretudo em um contexto de longevidade crescente), simbiose entre o espaço físico e o ciberespaço e tendo o homem como elemento central. Chamada de Sociedade 5.0, tal configuração deriva das sociedades anteriores: 1.0/nômade e de caçadores, 2.0/sedentária e de agricultores, 3.0/industrial e de operários no espaço urbano e 4.0/informacional e de investidores que percebem a comunicação como elemento central do capitalismo.

No campo do jornalismo, as duas visões sobre a sociedade contemporânea conformam pautas em torno dos elementos centrais da 5.0 e modelos narrativos “Snack” da metáfora gasosa. Algo que se percebe, por exemplo, quando coberturas jornalísticas sobre o racismo são rejeitadas quando não protagonizadas por jornalistas negros em função do lugar de fala desses profissionais. Trata-se de um deslizamento do foco narrativo e um realinhamento da posição do jornalista como “observador acreditável do mundo” (ZELIZER, 1990), na autoridade de quem pode falar sobre determinado tema, não como quem viu acontecer, mas como quem viveu a experiência, considerando o valor inquestionável do testemunho¹³ (SARLO, 2007).

(...) no âmbito do jornalismo, a autoria se manifesta de diferentes maneiras. Textos opinativos, por exemplo, são visivelmente autorais. Mas não é do exercício dedicado a atribuir juízo de valor a temas e acontecimentos que estamos falando. É, sim, de um “jornalismo com impressões digitais”, como diz Rogério Christofolletti, que compreende “os narradores como sujeitos do processo, em conjunto com sujeitos do público, destinatários da informação”. (ASSIS, 2016, p. 92).

Tais características, no entanto, evidenciam estilo autoral próprio dos gêneros opinativo e diversional (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2016). O que chama a atenção nessa guinada é a presença de tais elementos de subjetivação no gênero informativo, em que a voz autoral do jornalista entra no noticiário como garantia de autenticidade e credibilidade do que está sendo narrado.

Figura 4: Em junho de 2020, Após ser criticado por tratar de racismo por exibir apenas jornalistas brancos, GloboNews escalou profissionais negros para debate

¹³ “Num testemunho, jamais os detalhes devem parecer falsos, porque o efeito de verdade depende deles, inclusive de sua acumulação e repetição.” (SARLO, 2007, p.52).



Fonte: reprodução da TV, acesso em 30 julho de 2020

Ou quando ações inclusivas no jornalismo são protagonizadas por jornalistas na condição de pessoas discriminadas por ações de exclusão. Tais ações do jornalismo contemporâneo fazem parte do que a filosofia da alteridade fala do momento em que uma outra pessoa torna-se parte de sua vida (LEVINAS, 1979; KARASAWA, 2020, p. 141). É como se os jornalistas com lugar de fala certificado (REIS, THOMÉ, 2017), com credibilidade e prestígio, ao se tornarem narradores posteriores aos pós-modernos reunissem o poder de fazer parte da vida do telespectador, ouvinte, leitor e webleitor por meio de sua narrativa subjetiva e testemunhal.

Tal narrador, em dialogia com seu público, dirige-se ao seu consumidor em primeira pessoa e em diálogo com as interações por meio das redes sociais digitais e aplicativos de conversa como o WhatsApp e Telegram. Esse narrador dialógico carrega simultaneamente alguém que experimentou o tema noticiado e/ou ouviu falar dele (BENJAMIN, 1994) e também foi questionar de forma ativa sobre tema no formato pós-moderno (SANTIAGO, 1989), tendo contemporaneamente um público igualmente ativo e com francos canais de diálogo com esse novo jornalista, esse narrador dialógico.

Foi o caso, por exemplo, do jornalista Pedro Neville, em participação ao vivo na Globonews, no dia 20 de dezembro de 2020, ao noticiar a morte da atriz Nicette Bruno, quando falou também da morte de sua própria mãe por COVID-19: “Há quase dois meses a minha mãezinha também se foi por conta da COVID-19. Estou falando contigo porque você é minha amiga, tem o mesmo nome da minha mãe, Lilian”, disse o jornalista em atuação classificada, em estudo anterior (THOMÉ, REIS, 2022) como “emoção e testemunho permitidos, sem roteiro”.

Figura 5: Diálogo pessoal ao falar da morte de atriz



Fonte: Reprodução da TV, 20 de dezembro de 2020

Observa-se que a fala do repórter instaura um processo de recepção e percepção dialógico (BAKHTIN, 1981, p. 276), instaurando um diálogo entre a reportagem, seu drama pessoal e a âncora no estúdio Lilian Ribeiro. Tal compartilhamento pessoal ainda hoje é comentado nas redes sociais digitais e no Youtube e nas demais plataformas onde é citado. Esse novo narrador viveu o drama, apurou e abre um diálogo no ar de modo a alertar o público sobre a demora para chegada da vacina e sobre a importância dessa vacinação contra a pandemia que matou mais de 700 mil pessoas no Brasil.

Quase um ano depois, a própria âncora conta emocionada, ao vivo, que está com câncer de mama e trava um diálogo com o telespectador para falar da doença e do tratamento. “Você deve ter reparado que eu estou com um visual um pouquinho diferente. E eu quero muito dividir com você o motivo disso. No dia 1º de outubro, eu fui diagnosticada com um câncer de mama”, disse Lílían na edição do programa Em Pauta de 8 de novembro de 2021. Nas redes sociais, telespectadores e colegas de emissora mantiveram o diálogo, destacando o quanto de “humano” foi a revelação pessoal feita pela jornalista.

Figura 6: No Twitter, dialogia com a revelação feita pela âncora ao vivo na Globo News



Fonte: reprodução da rede social. 2 de dezembro de 2021

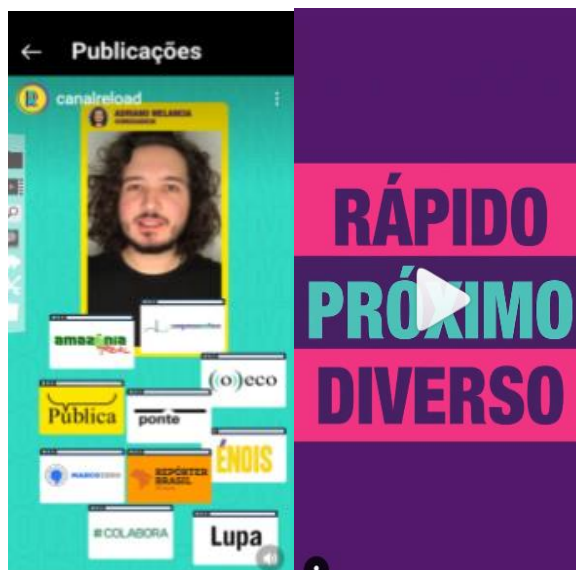
Momentos de dor ou de superação ganham espaço com narrativas em primeira pessoa, não só nas redes sociais mas no noticiário diário, como aconteceu durante a pandemia, em que jornalistas puderam evidenciar sua emoção, falar de seus medos e contar ao público quando se vacinaram. Compartilhamento de momentos privados e pautas de ações afirmativas foram ingredientes de uma receita para aproximar o público, seguindo, segundo Becker (2021, p. 8), “a linha do humanismo solidário”.

Formas e temáticas mais humanizadas intensificam-se na pandemia, mas a subjetivação do noticiário não acontece de uma só maneira. Há diferentes situações para o uso da emoção e do testemunho no noticiário como elementos narrativos, por vezes apenas de forma permitida, outras de forma roteirizada e/ou editorializada (THOMÉ, 2021; THOMÉ, REIS, 2022). Nem sempre configura acréscimo de informação diretamente, mas é uma forma de geração de vínculo com a audiência, o que atravessa a fruição da narrativa jornalística. Credibilidade está associada, então, não mais a um aparente distanciamento do fato, em pretensa objetividade, mas na proximidade, na vivência e no testemunho.

A dialogia é aberta também por meio de narrativas breves, com notícia em tom de conversa, na palma da mão, deslizando em diversas plataformas, com linguagem próxima a da rede social, por vezes em formato vertical (REIS, THOMÉ, PICCININ, 2021). Um exemplo é o Canal Reload, que tem site, whatsapp, canal no Youtube e perfis no Instagram, Twitter e Facebook, trabalhando conteúdo de forma colaborativa em diferentes formatos e espaços. Com certificação garantida pelos grupos jornalísticos

parceiros, o Reload se define como “um canal jovem que produz conteúdo a partir de reportagens de 10 organizações: Agência Lupa, Agência Pública, Amazônia Real, Congresso em Foco, Énois, Marco Zero Conteúdo, O Eco, Ponte Jornalismo, Projeto #Colabora e Repórter Brasil”¹⁴. A promessa é de linguagem acessível, que “descomplica a notícia”, de forma rápida, próxima e diversa, como pode ser observado na figura abaixo.

Figura 7: Frames do vídeo “O que é Reload?” no Instagram



Fonte: encurtador.com.br/awRSY, acessado em 3 set 2022

Ações no mesmo sentido podem ser vistas na grande imprensa, no caso da presença de jornais, como o francês Le Monde e a Rede Record de TV, no TikTok. O jornal francês conta com uma equipe exclusiva para o aplicativo chinês de mídia para criar e compartilhar vídeos curtos e o Snapchat, e produz conteúdos jornalísticos na linguagem própria das plataformas que podem ser e são compartilhados graças a leveza e formato inovador, mesmo tratando de temas tensos como a guerra na Ucrânia e o polêmico referendo para perpetuar o controle pelos russos de territórios ocupados naquele país. Neste caso, a nova narrativa, na vertical, tem a intimidade da fruição por meio da rede acessada por smartphones.

Figura 8: Ação personalizada por veículos e pelos jornalistas. No Le Monde, Cultura Snack: crise internacional em 1 minuto e 5 segundos

¹⁴ In encurtador.com.br/bcoq3, acessado em 1 out 2022



In: encurtador.com.br/jvCO7, acesso em 27 set 2022

Esther Degbe entra no Tik Tok, mas antes de fazê-lo, faz chamada de sua participação em suas contas pessoais nas redes sociais digitais. Frequentemente compartilha conteúdos de colegas para seus seguidores. Travando diálogo, atrai audiência para as reportagens do Le Monde. Neste caso, o diálogo integra o novo modelo de negócio do jornalismo digital, deslizante e dialógico.

Na Rede Record, o Tik Tok traz memória e pílulas do jornalismo, mesclando produtos especialmente produzidos para o aplicativo e outros deslizados da narrativa na horizontal. Em ambas as frentes, um padrão especial para o meio e linguagem leve.

Figura 9: presença no Tik Tok com chamadas para produtos em Streaming



Fonte: Reprodução do aplicativo em montagem feita pelos autores

A pesquisa observou para o presente estudo, sobretudo desde o início da pandemia, um incremento das narrativas pós-guinada subjetiva e de narradores dialógicos ativos em diferentes veículos. Tal configuração é uma das marcas do jornalismo contemporâneo que o presente trabalho procurou lançar um olhar. O estudo continua buscando as novas possibilidades que o jornalismo vem assumindo, observando como se rearticula frente aos ataques e a novos contextos midiáticos, e, ao mesmo tempo, como mantém seus princípios norteadores, garantindo produção de conhecimento, serviço público e narrativas inclusivas e éticas.

Considerações finais

O presente trabalho buscou delinear pistas sobre uma reconfiguração em andamento do jornalismo contemporâneo. A partir de pesquisas sobre linguagem e estratégias na reconfiguração da narrativa jornalística, que abriram janelas de observação sobre diferentes produtos midiáticos, identificou-se uma guinada subjetiva midiática diferente das anteriores, marcada por um processo dialógico com o público, editorializada, permitida e que se configura como evidente propósito de engajamento do público, agora não só consumidor, mas também fonte de informação e comentarista.

Assim, foi possível propor o debate sobre uma ideia de jornalismo contemporâneo no qual o narrador dialógico aparece nos veículos de comunicação e nas redes sociais

digitais dialogando com fãs e com o público de maneira geral em diferentes formatos, tornando a intimidade mediada como um produto editorial.

Tal narrativa inclusa na guinada subjetiva e na subjetividade discursiva clássica se configura no que pode ser identificado como pós-guinada subjetiva, dialogando abertamente com as sociedades gasosa e 5.0 tão discutidas contemporaneamente por diferentes áreas, impactando nas pautas centrais ligadas a questões cotidianas da humanidade no presente momento, nos formatos jornalísticos e na defesa do jornalismo como elemento organizador e certificador das rotinas das cidades e das nações.

O presente trabalho traz resultados de pesquisas em andamento sobre estratégias narrativas no jornalismo, sobretudo no telejornalismo, com foco em uma reconfiguração que faz transbordar para fora dos fios das colunas jornalísticas uma linguagem claramente literária e estratégias sensíveis, com voz autoral, testemunhal, figuras de linguagem e temas cotidianos, próprios das crônicas jornalísticas.

Assim, respondendo à pergunta de pesquisa, o estudo pode observar que a reconfiguração narrativa no jornalismo contemporâneo tem por base estratégias de subjetivação, sobretudo em contextos de ataques ao jornalismo, em narrativas afirmativas, em que voz autoral e emoção, características de gêneros opinativos e diversionais, deslizam para o noticiário, configurando novos formatos e protocolos, reposicionando o jornalista na sua relação com a audiência, em um movimento que visa o fortalecimento do jornalismo, mas que apresenta novos desafios para que se concretize.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. “**O que é o Contemporâneo?**” In: *O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*; [tradutor Vinícius Nicastro Honesko]. — Chapecó, SC: Argos, 2009.

_____. **Ideia da prosa**. Trad. João Barrento. Lisboa: Edições Cotovia, 1999.

AGUIAR, Leonel; BARSOTTI, Adriana. O jornalismo e os dilemas da contemporaneidade: o eu, o aqui e o agora. **Mídia e Cotidiano**, v. 10, p. 192-209, 2016.

ASSIS, Francisco. O 'ser autor' na prática do jornalismo diversional. **Alceu (PUC-RJ)**, v. 16, 2016

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Campinas: Verus, 2007.

BAKHTIN, **The Dialogic Imagination**. Texas (EUA):University of Texas Press, 1981.

BECKER, B. Reconfigurações do Jornalismo Audiovisual: um estudo da cobertura do Fantástico sobre a Pandemia da COVID-19. **Revista Lumina (UFJF)**, v. 15, n. 3, p.6- p.22, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/35300/23823>. Acesso em: 12 jun. 2021.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUCCI, Eugênio. Ciências da Comunicação contra a Desinformação. Conferência de Abertura do **45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, João Pessoa, 2022. in <https://youtu.be/rillS5AGih8>, acesso 8 set 2022.

COUTINHO, Iluska. Credibilidade como valor personalizado no telejornalismo: Vínculos tecidos em rede entre audiência e jornalistas profissionais. In **Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. João Pessoa: Intercom, 2022. Disponível em (no prelo)

DEGUCHI, Atsushi; KAMIMURA, Osamu. O que é Sociedade 5.0. In KARASAWA, K. Sociedade 5.0. Laboratório Hitachi-UTokyo (Laboratório H-UTokyo). Springer Singapura. 2020. Edição do Kindle.

FECHINE, Yvana. Espaço Urbano, Televisão, Interação. In: PRYSTHON, Angela (Org). **Imagens da Cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2006, p.37-57.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/7Letras, 2010.

GOMES, Wilson. Esfera pública política e comunicação em mudança estrutural da esfera pública de Jürgen Habermas. In: Gomes, W. e Maia, R. C. M. **Comunicação e democracia – problemas e perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2008, p.31-68.

KAFKA, Franz. **Na Colônia Penal**. Tradução do Alemão e Posfácio: Modesto Carone. Belo Horizonte: Brasiliense, 1986.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, n. 1, p. 39-56, 2016

MEDITSCH, Eduardo. O Jornalismo é uma forma de conhecimento? In: Hohlfeldt, Antonio; Gobbi, Maria Cristina. (orgs) **Teoria da Comunicação. Antologia de pesquisadores brasileiros**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MIRANDA, Pedro Augusto Silva; THOMÉ, Claudia de Albuquerque. GloboNews Em Pauta em duas telas: análise do uso e da interação de um telejornal midiaticado nas redes sociais. In: **Revista Vozes e Diálogo**, v. 17, n. 01, 2018.

MIRANDA, Pedro Augusto Silva; THOMÉ, Claudia de Albuquerque; REIS, Marco Aurelio. Estratégias narrativas no telejornalismo em contexto de convergência. In: **42 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2019, Belém. Anais do 42 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019.

MORAES, Dênis; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

MUSSE, Christina Ferraz; THOME, Claudia de Albuquerque. Telejornalismo e redes sociais: as narrativas do 'eu' e a customização da notícia no 'GloboNews em Pauta'. In: **XIV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2016, Palhoça. Anais do XIV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2016.

PICCININ, Fabiana & SOSTER, Demétrio. Da anatomia do telejornal midiaticado: metamorfoses e narrativas múltiplas. **Brazilian journalism research**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 118–134, 2012. DOI: 10.25200/BJR.v8n2.2012.427. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/427>. Acesso em: 3 oct. 2022.

PITHAN, Liana Haygert; VACLAVIK, Marcia Cristiane; OLTRAMARI, Andrea Poletto. **Carreiras vulneráveis: uma análise das demissões da mídia como um ponto de inflexão para jornalistas**. In: Cadernos EBAPE.BR, vol. 18, n. 1, jan-mar. 2020.

REIS, Marco Aurelio; THOMÉ, Cláudia Albuquerque. 'VIDEOTERATURA': UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO CRONISMO NA TELEVISÃO. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, [S.l.], v. 11, n. 3, p. 564-585, jan. 2018.

_____. Novas funções e competências em emissoras de rádio ante o avanço das redes sociais digitais. In: **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba: Intercom, 2017. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2094-1.pdf>, acesso em 06/07/2018.

_____. O estágio obrigatório como instrumento de defesa da atividade jornalística no Brasil. In: **XV Congresso da Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação**, 2020, Medellín (Bolívia). Memórias XV Congresso da Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação. Medellín (Bolívia): Pontificia Universidade Bolivariana - UPB, 2020. v. 10. p. 1-507.

REIS, Marco Aurelio; THOME, Cláudia; PICCININ, Fabiana. Verticalização no Jornalismo Audiovisual: possibilidades narrativas para os direitos humanos. In: Cárilda Emerim, Ariane Pereira e Iluska Coutinho. (Org.). **Teorias do telejornalismo como direito humano**. 1 ed. Florianópolis (SC): Insular, 2021, v. 11, p. 165-182.

REZENDE, Rafael Otávio Dias; REIS, Marco Aurélio. Jornalismo impresso premium é expandido em diferentes formas e telas na pandemia. In: **Anais XII Seminário de Pesquisa da Estácio, 2021**. Rio de Janeiro: SES PPT/Estácio, 2021.

SANTIAGO, Silvano. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SCHUDSON, Michael. **News and democratic society: past, present, and future**. The Hedgehog Review – Institute for Advanced Studies in Culture, Charlottesville, v. 10, n. 2, p. 7-21, jun./set. 2008.

SCOLARI, Carlos: **Adiós Sociedad Líquida. Bienvenida Sociedad Gaseosa**, Hipermediaciones, Barcelona, 2021. In encurtador.com.br/bhxAI, acesso em 27 set 2022.

SILVA, Gislene. & KÜNSCH, Dimas. & BERGER, Christa. & ALBUQUERQUE, Afonso. (orgs.). **Jornalismo Contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. Salvador, Brasil: EDUFBA/Compós, 2011.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 287 p, 2009

_____. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

THOMÉ, Claudia; PICCININ, Fabiana; REIS, Marco Aurélio. Anatomias narrativas do Telejornalismo contemporâneo e seus elementos certificadores. In: **Telejornalismo 70 Anos: o sentido das e nas telas/ Organizadoras: Cárilda Emerim, Ariane Pereira, Iluska Coutinho**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020, p.159-196.

THOMÉ, Cláudia. Emoção e testemunho no Jornal Nacional: estratégias narrativas no mês das 500 mil mortes pela COVID-19. In: **Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Recife-PE: Intercom, 2021.

THOMÉ, Cláudia de Albuquerque, REIS, Marco Aurelio. Emoção editorializada como estratégia narrativa no telejornalismo. **Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. João Pessoa (PB): Intercom, 2022 (No prelo)

YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos.** (2Ed.). Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZELIZER, Barbie. **Covering the body: the Kennedy assassination, the media and the shaping of collective memory.** Chicago: The University of Chicago Press, 1990